

Caderno de Oração
Advento / Natal 2020

Não Temas, Chega o nosso Salvador

Eu te resgatei. Eu te chamei pelo teu nome.
Não temas

És meu.

Não temas, chega o nosso Salvador

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
8	29 Novembro - Domingo I do Advento
13	6 Dezembro - Domingo II do Advento
17	8 Dezembro - Imaculada Conceição
22	13 Dezembro - Domingo III do Advento
26	20 Dezembro - Domingo IV do Advento
	PARTE II Natal
32	25 Dezembro - Natal
37	27 Dezembro - Sagrada Família
41	1 Janeiro - Santa Maria Mãe de Deus
46	3 Janeiro - Epifania
50	10 Janeiro - Batismo do Senhor
	PARTE III
56	Introdução
58	Encíclica " <i>Fratelli Tutti</i> " - Papa Francisco
62	Mensagem IV Dia Mundial das Missões - Papa Francisco
65	Mensagem IV Dia Mundial dos Pobres - Papa Francisco

Não temas, chega o nosso Salvador

No caderno anterior colocámos um título com muita esperança, com a esperança de que, no caderno seguinte, o contexto que então vivíamos já estivesse ultrapassado. Confiávamos que “O dia depois” da Covid já tivesse chegado e que já estaríamos todos a viver uma vida “normal”, como a que até aqui tínhamos conhecido.

Não tem sido assim, e mais, até parece que o vírus chegou às nossas vidas para ficar. Temos de conviver com ele da forma mais responsável e saudável possível.

A nossa primeira atitude tem de ser: “continuar a viver, e ajudar a viver”. A vida tornou-se diferente, mas não parou. Continuam a nascer crianças, e os miúdos tentam brincar, as matemáticas têm de continuar a ser estudadas, os jovens desejam terminar os seus cursos, os pais devem cuidar dos filhos, os trabalhos têm que ser feitos, os políticos continuam aos gritos uns contra os outros, as pessoas de idade continuam com os seus medos e riscos. Voltámos a viajar, a ver os nossos seres queridos, a fazer um jantar e ficar para um cafezinho, voltámos a ir à Missa, tentamos reconstruir de novo o nosso dia a dia, mas já nada é como era.

Perante esta “nova normalidade” a Comunidade Verbum Dei prossegue reinventando-se, os grupos continuam, embora com uma nova estrutura, os encontros multiplicam-se para que todos consigam estar presentes, ainda que em dias diferentes. Os computadores “deitam fumo” de tanto ser utilizados e, como em anos passados, a Comunidade escolheu um lema como referência, o lema para ser vivido durante todo o ano.

E agora é deste providencial lema que quero falar-vos:

“Não temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu” (Is 43, 1)

Votado por uma imensa maioria, é do profeta Isaías, e está enquadrado na parte conhecida como “Livro da Consolação”, que vai desde o Capítulo 40 ao 55.

Queremos recordar que o profeta nos está a contar a historia do Povo de Israel no exílio e, por isso, de um momento muito conflituoso, de desenraizamento, de uma vida cheia de inseguranças, de um espaço sem culto, com a Fé debilitada, a esperança que ia sendo progressivamente substituída por uma resignação e um pessimismo que se ia propagando na vida do povo. Podia ter sido o fim de um povo que já tinha sido castigado com situações semelhantes, quase convertido em escravo do Egito e aniquilado pelas pragas.

Mas, por outro lado, parece que Deus começa a demonstrar uma ternura paternal e encantadora, o povo começa a experimentar o cuidado de Deus. Isaías entra no Capítulo 40 com um magnifico “Consolai, consolai o meu povo porque acabarão as suas tristezas” (Is 40,1)

Vai-se percebendo um regresso à sua terra, um regresso à Pátria que vai ser como um “novo Êxodo”. E Isaías fala deste momento como uma nova criação de Deus, descrevendo um resgate cheio de detalhes que fazem do deserto um jardim.

Isaías anuncia a verdade de que Deus não abandona os seus, que os acompanha em direção à liberdade, os faz voltar a ser um povo fraterno, em que todos são iguais. Todos são os seus filhos muito amados.

A todos e a cada UM diz “NÃO TEMAS”, a todos e a cada um “CHAMA PELO SEU NOME”, a todos e a cada um “RESGATA” e a todos e a cada um diz “TU ÉS MEU”.

Nós, atualmente, estamos a ter uma vivência paralela à do Povo de Israel. Também temos saudades do nosso passado, de ir pelas ruas

e nos transportes para o nosso trabalho ou para a escola, ir jantar com os pais e avós, sair e ir até aos parques, mostrar com muitos gestos o quanto gostamos uns dos outros. Isso era o nosso normal (que, por vezes, não valorizávamos) que agora parece ter desaparecido, parece ter deixado de fazer parte da nossa vida, estamos como que num exílio de todas essas vivências que faziam parte da nossa vida de sempre.

Precisamos, hoje, de um ou de vários Isaías que nos mostrem a luz de um mundo novo, onde os obstáculos possam ser contornados, onde possamos controlar o medo através de gestos de entreajuda, e possamos continuar, entusiasmados por palavras de ânimo, e onde ninguém se encontre sozinho porque haverá sempre alguém a “bater à sua porta” com um miminho para trazer.

Vamos viver este lema a partir da nossa realidade e com a confiança de que é para nós.

Só uma coisa mais, neste caderno que nos acompanha no Advento e no Natal vamos concentrar-nos na primeira parte do lema que diz: “NÃO TEMAS”.

Sim, não temas porque a salvação está perto, Deus, apaixonado pela Humanidade e que *“Conhece a nossa dor, e ouve os gritos de desconforto de todos nós”* (cf. Ex 3, 1), vai enviar-nos um salvador que é Jesus, o Senhor, que vem construir a Sua tenda entre nós, a morar no meio de nós. (cf. Jo 1. 14).

E, mesmo nas atuais circunstâncias, vai novamente ser NATAL.

parte I

Advento

Quando tudo passa, o que permanece é o amor

Is 63,16b-17.19b;64,2b-7 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento. Será como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos, atribuindo a cada um a sua tarefa, e mandou ao porteiro que vigiasse. Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se de manhãzinha; não se dê o caso que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!”»
(Mc 13, 33-37)

Em Jerusalém, pouco antes da Paixão de Jesus, Ele deixou-nos esta mensagem que, contendo um lado enigmático que requer a nossa Fé para a escutar e rezar, deixa-nos, desde logo, com duas crenças fortes: a de que Jesus esteve no Mundo, viveu a Humanidade e conhece o Mundo; e a de que o Senhor há de voltar e, por isso, o objetivo final da caminhada pelo Mundo é o encontro com Ele.

Sabendo que Jesus esteve no mundo e há de voltar, Jesus transmite aos seus discípulos – e a nós todos, que somos a Igreja viva e em saída – que, independentemente do «quando» voltará, o mais importante é o «como» viver esta espera, o «como» viver esta esperança em Deus, o «como» continuar a construção do Sonho de Deus Pai para o mundo em que vivemos.

Jesus esteve no mundo, conhece as nossas dificuldades e limites humanos, as tentações, as «vozes» e «luzes» do mundo, aquilo que nos perturba, que nos faz duvidar, que nos retira do sentido e do sonho de Deus, quando adotamos ou omitimos certos gestos, dizemos ou omitimos determinadas palavras... Jesus sabe, porque viveu, o quão difícil é falar e agir por amor, em igualdade e fraternidade, num mundo marcado por diferenças significativas quer na maneira de pensar de cada um, quer também nas condições económicas e sociais de vida, de trabalho, de famílias, etc. Jesus também trouxe esta mensagem de amor que confrontava e desafiava um tempo e uma sociedade fortemente marcada por desigualdades sociais, estratificação da sociedade, ausência de direitos e forte exclusão social de alguns grupos de pessoas, como as mulheres, as crianças, os doentes, os samaritanos, etc. E nem por isso Jesus deixou de perseguir o sonho de Amor de Seu Pai e de o levar a todos...!

Também nós, no nosso caminho, muitas vezes não sabemos e temos dúvidas quanto ao que escolher, fazer, dizer, quanto ao

momento e ao modo de intervir, se o que fazemos e aquilo a que nos entregamos será «útil» ou mudará alguma coisa neste mundo, como será o futuro ou como havemos de construir o Sonho de Deus (o «*como será isso?*» de Maria).

No entanto, mesmo com todas as incertezas que se vivem no Mundo, ainda mais marcadas neste ano de pandemia e de dúvida quanto à forma de lidar com a situação, Jesus traz-nos claramente uma mensagem: Ele partiu deste mundo e há de voltar, havemos de nos voltar a encontrar com Ele e, neste período de ESPERA, deixou-nos a Sua casa, «plenos poderes», atribuiu-nos uma tarefa e pediu-nos para VIGIARMOS, ou seja, para VIVERMOS DESPERTOS, ATENTOS, FIÉIS à mensagem de Deus.

Nesta certeza de que temos tudo o que precisamos para construir o Sonho de DEUS para o mundo, qual é então o SONHO DE DEUS?

Ele indicou-nos o caminho com a Sua Palavra, com o Seu exemplo e com todas as pessoas que, à nossa volta, são sinais e testemunhas de Deus, consciente ou inconscientemente, desde o Papa Francisco que, numa fase plena e madura da sua vida e do seu caminho espiritual, e de forma muito enraizada e convicta, nos deixa muitas mensagens e apelos que coincidem com o Sonho de Deus, que nos fazem «arder» o coração, e até o de tantas pessoas anónimas que, muitas vezes até sem se assumirem pessoas de Fé, são boas, cuidadoras, atentas e vivem a mensagem de amor de Deus, ainda que sem esse propósito concreto definido de O seguir.

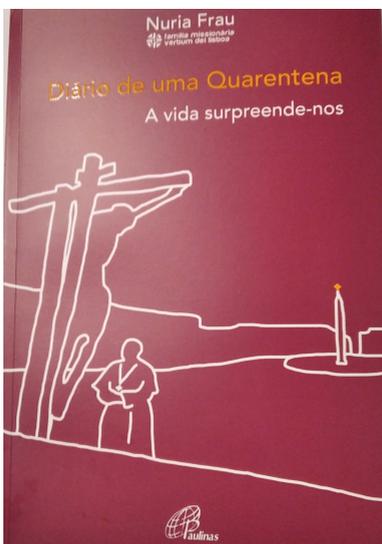
Independentemente do que acontecer à nossa volta, a mensagem que Jesus nos trouxe como sendo o Sonho do Pai é uma mensagem de AMOR: mesmo que vivamos com Fé e Esperança, assentes na Palavra de Deus, o mais difícil e desafiante é sempre o AMOR (Coríntios, 13, 1-13): amor a Deus, amor próprio, porque somos Filhos muito Amados e instrumentos de Deus, e, sobretudo, amor ao próximo, ao outro, como Jesus nos amou (Jo 15, 12-17).

Quem é (são) o(s) nosso(s) próximo(s) na nossa vida, no momento presente, nos vários lugares por que passamos? Como podemos, EM CONCRETO, amar mais o nosso próximo, transmitir-lhe o nosso amor? Qual é a nossa linguagem de amor (palavras, atos, dar presentes, toque e abraço)? E qual é a linguagem de amor que o outro mais usa e mais gosta?

Fazemos distinção e seleção de pessoas, tratando melhor umas que outras na mesma situação? Recorremos aos outros e envolvemo-los? Mostramos como são necessários? Agimos como Jesus agiria connosco e com todos, excluídos ou incluídos na sociedade, perdendo e construindo o nosso Ser através da paciência e do Amor?

Rezamos ao Pai pelos outros, pedimos-Lhe o que queremos e o que for bom para o outro?

E desafio-nos a rezarmos, neste tempo de espera pelo Senhor, que é o Advento: QUAL É O NOSSO SONHO? E em que medida o nosso sonho constrói o SONHO DO PAI?



«78. É possível começar por baixo e caso a caso, lutar pelo mais concreto e local, até ao último ângulo da pátria e do mundo, com o mesmo cuidado que o viandante da Samaria teve por cada chaga do ferido. Procuremos os outros e ocupemo-nos da realidade que nos compete, sem temer a dor e a impotência, porque naquele está todo o bem que Deus semeou no coração do ser humano. As dificuldades que parecem enormes são a oportunidade para crescer, e não a desculpa para a tristeza inerte que favorece a sujeição. Mas não o façamos sozinhos, individualmente. O samaritano procurou um estalajadeiro que pudesse cuidar daquele homem, como nós estamos chamados a convidar outros e a encontrar-nos num “nós” mais forte do que a soma de pequenas individualidades; lembremo-nos de que “o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a soma delas”. Renunciemos à mesquinhez e ao ressentimento de particularismos estéreis, de contraposições sem fim. Deixemos de ocultar a dor das perdas e assumamos os nossos delitos, desmazelos e mentiras. A reconciliação reparadora ressuscitar-nos-á, fazendo perder o medo a nós mesmos e aos outros.

(...)

94. (...) O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos.»

*(Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social)*

O amor é paciente

- Is 40,1-5.9-11 «Prestai atenção ao que diz o Senhor Deus;
Ele promete paz para o seu povo e para os
seus amigos
e para todos que voltam para Ele o coração.
- Sl 84 (85)
- 2 Pe 3,8-14 A salvação está perto dos que o temem
e a sua glória habitará na nossa terra.» (Sl 85,
Mc 1,1-8 9-10)

«Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: Eis que envio à tua frente o meu mensageiro, a fim de preparar o teu caminho. Uma voz clama no deserto: «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.» João Batista apareceu no deserto, a pregar um batismo de arrependimento para remissão dos pecados. Saíram ao seu encontro todos os da província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. João vestia-se de pelos de camelo e trazia uma correia de couro à cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. E pregava assim: “Depois de mim vai chegar outro que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias. Eu batizei-vos em água, mas Ele há de batizar-vos no Espírito Santo”.» (Mc 1, 1-8)

«Mas há uma coisa, caríssimos, que não deveis esquecer: um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um só dia. Não é que o Senhor tarde em cumprir a sua promessa, como alguns pensam, mas simplesmente usa de paciência para convosco, pois não quer que ninguém pereça, mas que todos se convertam.»
(2 Pe 3, 8-9)



Depois de rezar estas leituras, algumas já muito familiares, há três aspetos que me tocaram de uma forma nova, que partilho convosco. O primeiro é a promessa de Deus ao Seu povo: Deus promete a paz, a justiça e a salvação. Hoje, a palavra promessa não faz muito parte do nosso quotidiano, parece até uma coisa de crianças, como quando os nossos filhos, netos, sobrinhos, nos perguntam coisas como “Prometes que vamos ao parque infantil depois da escola? Prometes?”. E nós prometemos, sabendo que não podemos trair a confiança inocente que depositam na nossa palavra. Mas a promessa que Deus nos fez é diferente. Deus diz-nos que a salvação, a paz, a justiça estão ao nosso alcance, que são o que Ele deseja para nós. Mas não nos vão ser entregues por magia, temos de ser nós a “voltar para Ele o coração”. É tão bela esta liberdade que Deus nos dá! Deus convida-nos a fazer este caminho, mas não nos força a vivê-lo. E prepara-nos para o facto de ser um processo e não algo que acontece de um dia para o outro, sem que nós o esperássemos ou tenhamos desejado e, porque não?, trabalhado para o conseguir. O que nos leva ao segundo aspeto: a preparação do caminho.

Todos sabemos que grande parte do prazer de disfrutar um momento feliz vem da sua antecipação. Os preparativos já são parte da festa. Quem já fez uma peregrinação, sabe bem que tão importante como a chegada é o percurso – o que se reza, se pensa, os altos e baixos de cada dia. Como escreve o Cardeal Tolentino Mendonça, a peregrinação não tem um fim, tem uma finalidade! Nesta festa tão especial que é a chegada de Jesus, o Advento é uma oportunidade que não podemos desperdiçar para, como João Batista, fazermos o nosso caminho de santidade e ajudar todos os que nos rodeiam a fazê-lo. E, tal como dizíamos no primeiro ponto, precisamos de voltar o coração para Maria e para Jesus, rezar com eles, focar no essencial, medir o alcance dos nossos passos e fazer o que estiver, na vida de cada um, ao nosso alcance para que este

caminho do Advento de 2020 faça a diferença nas nossas vidas e nas vidas que a nossa tocam. E não desesperemos se os dias não estão a correr como nós gostávamos – o terceiro aspeto é esse mesmo: a paciência de Deus.

Como nos lembra a carta de Pedro, o tempo de Deus não é o nosso. O tempo de Deus é o tempo do amor paciente. Jesus veio ao Mundo para nos revelar o amor de Deus – mas, dois mil anos depois, ainda não chegámos à plena concretização da sua mensagem. E Deus ainda não perdeu a paciência connosco! Mesmo sabendo que - como diz São Paulo na 1ª carta aos Coríntios (o Cântico do Amor) - nós hoje ainda vemos “de forma confusa”, Deus ama-nos como Pai, e aguarda a nossa conversão, para fazer cumprir a Sua promessa. Por isso, nós, que temos o privilégio de conhecer Jesus, de saber que “apenas” temos de nos amar uns aos outros como Ele nos amou, que temos o Espírito Santo que nos deixou, para nos consolar e nos dar ânimo, alimentemos a esperança de que este ano, com todas as suas limitações, nos traga uma visão mais límpida sobre o nosso caminho cristão.

Para terminar, deixo um desafio: pensando no Advento e no Natal do ano passado - e depois de termos vivido um ano tão diferente, com receios, mas também com muitos momentos de grande solidariedade e até de grande beleza e espiritualidade (como ver o Papa Francisco na Praça de São Pedro vazia) - o que posso fazer este ano para me aproximar mais de Jesus? E para levar Jesus aos que me rodeiam?

“Os momentos mais difíceis são muitas vezes férteis em manifestações da esperança que acontecem por pura graça.”

“Quando se faz uma peregrinação, muitas vezes nos interrogamos onde é que ela termina, porque uma das coisas que se experimenta é que, à medida que caminhamos, a realidade torna-se sempre mais aberta. Em relação aos retiros é o mesmo. Quando termina um retiro? Quando o peregrino chega percebe no seu coração que então é que começa verdadeiramente. A peregrinação não tem propriamente um fim: tem uma extraordinária finalidade.”

“Para nós, cristãos, Jesus vence a distância que separa a terra do céu.”

(José Tolentino Mendonça, *Uma beleza que nos pertence*, Lisboa: Quetzal, 2019, pp. 69, 149, 101)



“O Senhor está contigo”

- Gn 3,9-15.20 «Naquele tempo, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, que era descendente de David.
- SI 97 (98) O nome da virgem era Maria.
- Ef 1,3-6.11-12

Lc 1,26-38 Tendo entrado onde ela estava, disse o Anjo: “Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo”.

Ela ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela.

Disse-lhe o Anjo:

“Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus.

Conceberás e darás à luz um Filho, a quem porás o nome de Jesus.

Ele será grande e chamar-Se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus Lhe dará o trono de Seu pai David; reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim”.

Maria perguntou:

“Como será isto, se eu não conheço homem?”.

O Anjo respondeu-lhe:

“O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.

Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus.

E a tua parenta Isabel concebeu também um filho na sua velhice e este é o sexto mês daquela a quem chamavam estéril; porque a Deus nada é impossível”.

Maria disse então:

“Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”.» (Lc 1, 26-38)

Esta leitura é a mesma da Solenidade da Anunciação, o que pode provocar alguma confusão entre o momento em que, pelo “sim” de Maria, se iniciou a gestação de Jesus e esta data, a da Imaculada Conceição.

Na Liturgia, é tudo matemático: nove meses antes do nascimento de Jesus, celebramos o momento em que Ele encarnou no seio de Maria (25 de março-25 de dezembro), nove meses antes da data em que festejamos o nascimento de Maria, celebramos a ocasião em que foi concebida (8 de dezembro-8 de setembro).

Rezamos “Ó Maria, concebida sem pecado” porque acreditamos que Deus a quis preservar, antes de nascer, da marca do pecado, desta tendência para o mal que todo o ser humano tem por natureza e que a presença de Deus em nós, a Sua graça, nos leva a evitar. Por isso, o Anjo saudou Maria como “cheia de graça”; por isso lhe rezamos “Avé, Maria, cheia de graça, o Senhor está Contigo” – porque nela não há nada que não seja de Deus.

Posto este esclarecimento, situemo-nos perante o evangelho de hoje.

Maria, uma rapariga simples, aparentemente igual a tantas outras, vive circunstâncias concretas de tempo, de espaço, de relações pessoais: durante o Império Romano, em Nazaré, na Galileia, estando noiva de José.

E eu, onde estou, como estou? Quais são as minhas circunstâncias? Sinto-me convidada a olhar à minha volta com os olhos de Deus; com os olhos de Deus, porque com os meus, com os dos outros, com os dos meios de comunicação, com os das redes sociais, já estou cansada de olhar...

Estou em Lisboa, no final do ano de 2020, num país, num mundo há cerca de um ano marcado por uma pandemia que veio mudar tudo! A alguns, o vírus mudou-lhes a vida: morreram, ficaram doentes, viram partir os seus; a outros, mudou-lhes as condições

económicas: perderam empregos, trabalham de forma diferente, muito menos ou muito mais; a todos mudou as relações sociais e pessoais: quantos familiares e amigos não vemos há muito, devido ao confinamento, às férias canceladas, às restrições nas deslocações e nos convívios, à prudência?... E quantos vemos, mas não abraçamos...

Mas, o que tem isto a ver com Maria e com este texto?

O facto de Deus vir ao nosso encontro exatamente nas circunstâncias em que estamos e tal como estamos: apreensivos, preocupados, desanimados, cansados, talvez tristes. Deus vem!

Na situação que cada um vive, dolorosa, confusa e estranha que seja, no estado em que está o nosso coração – que só Ele conhece profundamente, Deus vem!

Mesmo que não vejamos nada, ainda que perguntemos “Como será isso...?”, Deus vem!

Incessantemente Deus responde-nos – e os “anjos” que Ele vai pondo no nosso caminho confirmam-no: “Não temas!”, “(...) a Deus nada é impossível”.

O fundamento para a Fé, para a Esperança, para a coragem nas adversidades dá-no-lo Deus também: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra”, “O Senhor está contigo”.

Este Advento é diferente, este Natal será muito distinto de outros que vivemos.

Mas Deus vem! Ele não deixará de vir nascer nos nossos corações inquietos, nas nossas famílias, porventura afastadas, na solidão daqueles que vivem muito sós, no meio dos doentes, dos pobres, dos humildes.

O presépio será o mesmo: a luz da estrela de Belém, que guiou os Magos, iluminará os nossos olhos e conduzirá os nossos passos; a paz daquela noite, anunciada pelos anjos aos pastores, será dom do Deus Menino para nós e para o Mundo.

Senhor, peço-Te que seja capaz de me deixar tocar e recriar por Ti, para que possa viver este Natal, tão díspar, como Tu queres que eu o viva.

Também eu sou “gerada” por Ti, uma e outra e outra vez, a cada momento, de cada vez que me aproximo de Ti para acolher a Tua graça. Permite que fique “cheia” de Ti, para que não haja mais nada em mim senão a Tua presença.

Vem, Jesus Menino, Emanuel (Deus conosco em todas as circunstâncias), salvar-nos e dar-nos vida, mais vida, a Tua vida!

Maria é, pela Tua mão e pelo Teu coração, cheio de Deus, é a partir do Teu colo, onde cabemos todos, onde cabem todos os homens, que recebo Jesus, que o mundo recebe Jesus, em 2020.

Ensina-me a dizer e a viver a tua resposta aos desafios de Deus: “Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”.



Ó Virgem, pela tua bênção é abençoada toda a criatura

O céu, as estrelas, a terra, os rios, o dia e a noite, e tudo quanto está sujeito ao poder ou ao serviço dos homens se alegram, Senhora, porque, tendo perdido a sua antiga nobreza, foram em certo modo ressuscitados por meio de Ti e dotados de uma graça nova e inefável.

(...)

Perante esta nova e inestimável graça, todas as coisas exultam de alegria, ao sentir que Deus, seu Criador, não só as governa invisivelmente, lá do alto, mas também está visivelmente presente no meio delas e as santifica com o uso que delas faz.

Tão grandes bens procedem do fruto bendito do ventre sagrado da Virgem Maria!

Pela plenitude da Tua graça, o que estava cativo na região dos mortos exulta de alegria ao ver-se libertado e o que estava ainda no mundo regozija-se ao sentir-se renovado. (...).

Ó cheia de graça, superabundante de graça, a tua plenitude transborda para a criação inteira e a faz reverdecer.

Virgem bendita, entre todas as coisas bendita, pela Tua bênção é abençoada toda a natureza, não só a criatura pelo Criador, mas também o Criador pela criatura. (...). Deus criou todas as coisas e Maria gerou a Deus. Deus, que criou todas as coisas, fez-Se a Si mesmo por meio de Maria. E deste modo refez tudo o que tinha feito. Ele, que pôde fazer todas as coisas do nada, não quis refazer sem Maria o que tinha sido arruinado.

Por esta razão, Deus é o Pai das coisas criadas e Maria a Mãe das coisas recriadas.

Deus é o Pai a quem se deve a constituição do mundo e Maria a Mãe a quem se deve a sua restauração. Deus gerou Aquele por quem tudo foi feito e Maria deu à luz Aquele por quem tudo foi salvo.

Deus gerou Aquele fora do qual nada existe e Maria deu à luz Aquele sem o qual nada subsiste.

Verdadeiramente o Senhor está contigo, Maria, pois quis que toda a criatura reconhecesse que deve a Ti, com Ele, tão grande benefício.

Quem és tu?

Is 61,1-2a.10-11 «Irmãos: Vivei sempre alegres, orai sem cessar, dai graças em todas as circunstâncias, pois é esta a vontade de Deus a vosso respeito em Cristo Jesus. Não apagueis o Espírito, não desprezeis os dons proféticos; mas avaliái tudo, conservando o que for bom. Afastai-vos de toda a espécie de mal. O Deus da paz vos santifique totalmente, para que todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. É fiel Aquele que vos chama e cumprirá as suas promessas.» (1 Ts 5, 16-24)

Lc 1,46b-48.49-50.53-54

1 Ts 5,16-24

Jo 1,6-8.19-28

«Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Foi este o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram, de Jerusalém, sacerdotes e levitas, para lhe perguntarem: “Quem és tu?”. Ele confessou a verdade e não negou; ele confessou: “Eu não sou o Messias”. Eles perguntaram-lhe: “Então, quem és tu? És Elias?”. “Não sou”, respondeu ele. “És o Profeta?”. Ele respondeu: “Não”. Disseram-lhe então: “Quem és tu? Para podermos dar uma resposta àqueles que nos enviaram, que dizes de ti mesmo?”. Ele declarou: “Eu sou a voz do que clama no deserto: ‘Endireitai o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías”. Entre os enviados havia fariseus que lhe perguntaram: “Então, porque baptizas, se não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?”. João respondeu-lhes: “Eu baptizo na água,

mas no meio de vós está Alguém que não conheceis: Aquele que vem depois de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias”. Tudo isto se passou em Betânia, além do Jordão, onde João estava a baptizar.» (Jo 1, 6-8. 19-28)

Esta semana presenciei o testemunho público, em diferentes ocasiões, da história de vida de duas mulheres que tive a graça de conhecer no último ano. Ambas perderam 3 filhos e ambas trazem em si, além da maior dor que um ser humano pode suportar, a certeza de terem sido chamadas a viver um Amor que vai além do sofrimento. Vivem com gratidão pelo tempo em que foram mães na terra, com gratidão por todas as pessoas que as acompanham, com gratidão pelo sol que recebem todas as manhãs, pelos sinais que recebem, ... Vivem uma existência Agradecida. A primeira vez que estive na presença de ambas, e sem saber a sua história e o que as unia, senti o mesmo por cada uma: não conseguia desviar o meu olhar, sentia-me atraída por uma presença e uma beleza de alma que, porém, não conseguia entender. Não sabia que fé estaria por detrás daquela presença mas era como se eu olhasse materialmente para o Amor de Deus.

Assistir ao seu primeiro testemunho público, ver quantos corações foram tocados por essa beleza, e na mesma semana rezar esta leitura, faz-me questionar no mais profundo de mim o que significa verdadeiramente ser testemunha de Cristo.

João Baptista também não sabia dizer bem o que era, apenas o que não era. Não era a luz, não era o Messias, não era um profeta. Era alguém que tinha em si a certeza de anunciar Alguém muito maior do que qualquer descrição possível.

«*Quem és tu?*»

Também a mim coloco a pergunta. Ao leres estas pistas coloca-te também esta questão. «*Quem és tu?*», «*Que dizes de ti mesmo?*»

Há muitos, muitos, anos, na minha adolescência, num grupo de jovens a que pertencia, retive esta definição: ser testemunha de Cristo é imitar de tal forma Jesus que se poderiam reescrever os Evangelhos com a própria vida. A imagem é de tal forma exagerada que me ficou gravada. Às vezes o exagero é necessário para nos pôr em movimento, para nos desinstalar e fazer perceber que a fasquia é alta. Não basta “seguir as boas regras”. É preciso viver com intensidade a relação com Jesus. Primeiro por dentro, mas depois com uma fé que se concretiza para fora na relação com o Outro.

Sou Grata a Deus por me cruzar com tantas pessoas relativamente às quais posso afirmar, com o meu sentir, que são testemunhas de Cristo. Eu vejo-O através delas, do grande Amor que trazem em si mas que sabem que não lhes pertence, que veio do Alto e que é, e dão, a todo o Mundo.

Para terminar, quero voltar à segunda leitura. Alegria, Oração, Gratidão. É esta a “receita” que o apóstolo Paulo nos apresenta na carta aos Tessalonicenses para preparar o encontro com Jesus. Assumir viver assim é uma escolha pessoal. Estes três alicerces não são um dom, não temos porque basta ter fé, não são fruto da “vida-que-corre-bem”, de ser dia sim ou dia não. Viver enraizado é uma ESCOLHA. Exige perseverança, abertura de coração e até técnica. É uma aprendizagem. Podemos aprender a ser Alegres e Gratos mudando o guião da nossa novela. Os factos são os mesmos, mas a minha história sou eu que escolho como contar.

Rezo para que também eu seja Testemunha de Cristo e possa levar ao outro a minha fé apenas com a minha presença e entrega. Comprometo-me com a Oração, que transforma a vida, e a viver a genuína Alegria em Cristo.

Escreve aqui cinco pontos a Agradecer no dia de hoje. Permite-te agradecer mesmo o que parecer menos agradável.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Repete o exercício todos os dias até ao Natal 😊

“Dai graças em todas as circunstâncias, pois é esta a vontade de Deus a vosso respeito em Cristo Jesus” 1 Ts 5, 18



Naquele tempo Deus escolheu confiar em Maria

- 2 Sm 7,1-5.8b-12.14a.16 «Naquele tempo, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma Virgem desposada com um homem chamado José, que era descendente de David. O nome da Virgem era Maria.
- Sl 88 (89) Tendo entrado onde ela estava, disse o Anjo: “Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo”.
- Rm 16,25-27 Ela ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela. Disse-lhe o Anjo: “Não temas, Maria, porque encontrei graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um Filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-Se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus Lhe dará o trono de seu pai David; reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim”. Maria disse ao Anjo: “Como será isto, se eu não conheço homem?”. O Anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus. E a tua parenta Isabel concebeu também um filho na sua velhice e este é o sexto mês daquela a quem chamavam estéril; porque a Deus nada é impossível”. Maria disse então: “Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!”»
- (Lc 1, 26-38)

Naquele tempo, Deus escolheu confiar em Maria, uma jovem desconhecida, que vivia num lugar insignificante, que estava prometida a um homem chamado José, carpinteiro de profissão, mas sem especial relevância no seu mundo. É desta forma, totalmente improvável, que Deus decide subir a fasquia no seu relacionamento com a Humanidade, que se dá a conhecer como nunca houvera feito, que decide chegar e tornar-se o Deus de todos os Homens. Escolhe levar mais longe esta relação e, desta forma, elevar-nos, a nós Homens, a uma nova condição.

Naquele tempo, o anjo Gabriel anuncia a Maria qualquer coisa de extraordinário: Deus Pai, através do Espírito Santo, decide entrar na carne, tornar-se carne. Foi criada uma palavra nova, para um acontecimento singular: encarnar. Maria parece não entender e pergunta: *“como será isso (...)?”*. O significado profundo desta palavra permanecerá para sempre um mistério. É neste esforço de responder a esta pergunta impossível que começa a minha oração. No mergulho profundo nesta leitura, que nos faz arder o coração, mas que tenho plena consciência que nunca entenderei.

Naquele dia, começou toda uma vida nova para Maria. Indiscutivelmente mais difícil. O anúncio do anjo Gabriel trocou-lhe os planos, porque Deus, através da sua carne, encarnou na vida de todos os Homens. Troca-nos também os nossos planos. Eleva-nos a outra dimensão. Mas, neste anúncio, sem que Maria o soubesse, estava a angústia de uma gravidez sem coabitação, o assumir uma criança diferente e assistir ao sofrimento da Paixão e morte na cruz do seu Filho. Foi a isto que Maria disse sim.

Nos nossos dias, gosto especialmente do gesto cheio de significado que fazemos durante o Credo quando nos inclinamos e rezamos e *“encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem”*. Este gesto assume especial solenidade na noite de Natal,

em que é tradição ajoelhar-nos neste momento. É um gesto que ajuda a palavra a encarnar em nós, que nos permite sentir de forma mais íntima o significado profundo deste milagre. Vejo cada vez menos gente na missa a acompanhar este momento e a dar-lhe o relevo devido. É aqui que se inicia toda uma história.

Obrigado Maria pelo teu sim, por teres confiado sem ter entendido. Por teres sido a carne do próprio Deus, o Emanuel.



«Nestes dias, nas nossas igrejas ressoou inúmeras vezes o termo «Encarnação» de Deus, para expressar a realidade que celebramos no Santo Natal: o Filho de Deus fez-se homem, como recitamos no Credo. Mas o que significa esta palavra central para a fé cristã? Encarnação deriva do latim «incarnatio». Santo Inácio de Antioquia — no final do primeiro século — e, acima de tudo, Santo Ireneu, utilizaram este termo, meditando acerca do Prólogo do Evangelho de São João, de modo particular sobre a expressão: «O Verbo fez-se carne» (Jo 1, 14). Aqui, a palavra «carne», em conformidade com o uso hebraico, indica o homem na sua integridade, o homem todo, mas precisamente sob o aspecto da sua caducidade e temporalidade, da sua pobreza e contingência. Isto, para nos dizer que a salvação trazida por Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré atinge o homem na sua realidade concreta e em qualquer situação em que se encontre. Deus assumiu a condição humana para a purificar de tudo aquilo que a separa Dele, para nos permitir chamá-lo, no seu Filho Unigénito, com o nome «Abá, Pai» e assim ser verdadeiramente filhos de Deus. Santo Ireneu afirma: «Este é o motivo pelo qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a filiação divina, se tornasse filho de Deus» (Adversus haereses, 3, 19, 1: PG 7, 939; cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 460).

(Bento XVI, AUDIÊNCIA GERAL, Sala Paulo VI
Quarta-feira, 9 de Janeiro de 2013)

parte II

Natal

“Eu hoje te gerei!”

Missa da aurora
Is 62,11-12
Sl 96 (97)
Tt 3,4-7
Lc 2,15-20

«Caríssimo: Ao manifestar-se a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor para com os homens, Ele salvou-nos, não pelas obras justas que praticámos, mas em virtude da sua misericórdia, pelo baptismo da regeneração e renovação do Espírito Santo. Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, em esperança, herdeiros da vida eterna.»
(Tt 3, 4-7)



comecei a preparar estas pistas e custou-me um bocadinho: muitas leituras à disposição para escolher! Mas, de tantas, acabei presa àquela frase que mais ressoou em mim e que pertence à antífona da entrada da missa da noite: *“O Senhor disse-me: Tu és meu filho, Eu hoje te gerei”*.

E é isto que tenho andado a “mastigar”, que tenho andado a tentar rezar... meu Deus! Tantos domingos de Advento, tantos Natais que já vivi e tem-me escapado o mais simples! O maior convite que podemos ter, o melhor que podemos ouvir: *“Tu és meu filho, Eu hoje te gerei!”* A mim!... tal como gerou Jesus, há 2020 anos, hoje sou eu a filha gerada! Hoje, tu que estás a ler estas pistas, és tu o filho gerado, a filha gerada! Gerados para o mundo de hoje.

Como vai ser isso? Era a pergunta de Maria há uns domingos atrás... Como vai ser isso digo eu hoje? Hoje somos convidados a nascer para a vida, a nascer para o mundo, a nascer ou a renascer do coração de Deus para a vida, do coração de Deus para o Mundo. E que Mundo!!

Tenho experimentado, ao longo destes últimos meses, que a Deus não é Lhe é indiferente a minha vida, se eu estou com Ele ou não estou com Ele, se eu escuto e Lhe dou o meu sim ou se não Lhe “dou ouvidos”. E é o Seu imenso amor por mim que me faz ser capaz de nascer: é o Seu olhar que faz renascer em mim a esperança, apesar do ano horrível que temos vivido, apesar da desesperança a que temos assistido, apesar das dificuldades que todos gritam que aí vêm, já vemos à nossa volta e que já sentimos... É a forma como Ele me olha que faz o milagre acontecer, que me transforma.

Hoje o convite é este: Tu és meu filho, Eu hoje te gerei.

Eu hoje nasço com Jesus. E, comigo, nascem os meus irmãos.

E és Tu Senhor quem, mais uma vez, nos dá a hipótese de nascer para uma vida mais generosa, menos centrada em nós e mais atenta aos outros; és Tu quem nos convida a nascer para uma vida mais comunitária, mais participativa, assumindo e questionando: qual é a minha missão no mundo de hoje?... Porque eu sei que tens para mim uma missão no mundo de hoje. O que tenho de fazer, o que tenho de fazer nascer em mim, para que se possa cumprir a Tua missão na minha vida?

Como podemos trabalhar mais em nós a Tua maneira de olhar o mundo?

Eu posso trazer a salvação a alguém hoje, tal como Jesus há tantos Natais, me traz salvação a mim e à minha vida?



Como será este Natal?

Estamos empenhados em preparar a vinda do Senhor, em preparar-lhe simbolicamente um espaço, e isso torna-se uma parábola do grande acolhimento, da grande hospitalidade à qual estamos dispostos. E dizemos: «Vem, Senhor Jesus».

Abrimos as casas, encontramos um lugar no seu interior, preparamos formas diferentes para o tráfico dos nossos dons, das palavras, dos sentimentos, dos votos e desejos. Encontramos na nossa vida um modo de Deus chegar. As portas estão abertas. A contagem decrescente começou.

E então dá-se o volte-face: ao rei David, que tem um papel emblemático na expectativa messiânica, Deus diz: «Não és tu que me preparas uma casa, sou Eu que preparo uma casa para ti».

Não mergulhamos profundamente no mistério do Natal se não acolhermos esta reviravolta no nosso coração: não somos nós que preparamos um presépio para Deus nascer; é Deus que prepara o lugar, é Deus que prepara a possibilidade, as condições do renascimento de cada um de nós.

Jesus é o Deus que se torna homem para que o homem e mulher que somos se possa divinizar. Ele nasceu para potenciar os nossos nascimentos.

Como Maria, podemos perguntar: «Como será isso, se eu não vejo essa possibilidade? Que o Menino possa nascer simbolicamente em minha casa, eu acredito, mas que a minha casa toda e o que ela significa possa renascer, não vejo como. Que eu me possa preparar e abrir as portas para o Deus connosco vir, isso entendo; mas que eu, na minha rigidez, nos meus entraves, nos meus dilemas, no caminho que estou a fazer, possa verdadeiramente recomeçar e renascer, não vejo como».

A dupla palavra do anjo é uma das grandes palavras de Natal: «Não temas». Não desanimes, não penses que não é para ti. O Espírito Santo virá em teu socorro, a sombra do Altíssimo te cobrirá. E o mistério que acontece na nossa vida, humaníssima e fragilíssima, é ação do próprio Deus: é Ele que pode renovar, é Ele

que pode transformar as nossas vidas; é Ele que pode fazer acontecer, dentro de cada um de nós, o Natal, essa irrupção de vida nova e cintilante, a possibilidade de uma esperança maior do que aquela de que somos capazes.

O que é este novo nascimento? S. Paulo, com uma palavra só, com uma das palavras mais importantes desse texto maior da memória cristã que é a carta aos Romanos, diz: o grande mistério, esperado desde sempre e agora revelado, é este: Deus Pai confirma-nos. Uma palavra só: «Confirma-nos».

O que é o Natal (...) que estamos prestes a celebrar? É sentir dentro de si que se é confirmado por Deus, confirmado como filho e filha amado, querido, em quem Deus coloca todo o seu amor. E a nossa vida passa a valer mais: porque não é só o que somos, o que conseguimos, o que trazemos - não é só isso; é o olhar de Deus pousado na fragilidade que eu sou.

É o olhar de Deus que me confirma, muitas vezes para lá das evidências e contrariando-as, contra toda a esperança. Deus confirma-nos e diz: «Tu és a minha filha, tu és o meu filho». É isso que nos faz nascer: a certeza do amor de Deus depositado, mostrado por Jesus face a face na nossa história, a certeza indefetível desse amor que não falha, desse amor em que podemos confiar. O Deus conosco é um Deus credível, em quem um homem e uma mulher podem acreditar. Nós acreditamos nesse amor, e acreditamos que ele nos é dado como fundamento, como pedra angular, como razão, como possibilidade, como manjedoura onde nascemos.

Temos de olhar para os nossos dias e sentir que não somos nós que estamos a construir uma manjedoura; é Deus que faz do tempo da nossa vida, deste tempo onde estamos, deste aqui e agora, o lugar da nossa confirmação, o lugar do nosso nascimento. Abramos, por isso, o nosso coração em alegria.

(P. José Tolentino Mendonça
Capela do Rato, Lisboa, 21.12.2014
Publicado em 24.12.2014)

“Revesti-vos do Amor”

- Sir 3,3-7,14-17 «Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns
- Sl 127 (128) aos outros e perdoando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro.
- Cl 3,12-21
- Lc 2,22-40 Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. Reine nos

vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados. E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai.»

(Col 3, 12-17)

Preparámos estas pistas em casal...

Há uma frase que nos tem acompanhado há mais de 28 anos, quando começámos a namorar: “nada acontece por acaso”. E não é certamente por acaso que, ao longo destes anos, temos sido “convidados” a preparar as pistas da “Sagrada Família” para o Caderno da Oração em diversas ocasiões.

Em 2002, rezámo-las pela primeira vez: éramos um jovem casal sem filhos e à procura de “alargar o espaço da nossa tenda” para outros “filhos”, outras formas de parentalidade, inspirados por Maria e José.

Nove anos depois (em 2011) calharam-nos as mesmas pistas, e a nossa família tinha crescido de 2 para 5! Em tempo de crise e de Troika “Não nos queremos deter nas semelhanças ou analogias das dificuldades que enfrentamos e outras que nos esperam nos próximos tempos, mas na esperança e na fé de Maria e José”.

Passaram outros nove anos... Eis-nos em 2020, altura em que vivemos novamente um momento singular da história, no meio de uma pandemia que nos cansa, limita, e não há meio de nos largar....

E uma das coisas que mais nos encanta na Palavra de Deus é que, por mais que a conheçamos e rezemos, há sempre uma nuance, um pormenor, algo em que nunca tínhamos reparado e que agora faz mais sentido que nunca...

Voltámos a rezar Colossenses 3 que, por acaso (ou não), foi a segunda leitura do nosso casamento. E, desta vez, prendemo-nos na frase “*E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição*”. O “tudo isto” não é propriamente pouco: misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência, perdão... Tudo ingredientes essenciais para nos suportarmos uns aos outros! Um

suporte que é apoio, a base sólida sobre a qual tudo se constrói, mas também é resistência, resiliência, não desistir, ver mais além, para além do óbvio...

Convidamos a que cada um faça o exercício de escrever como concretiza “tudo isto” diariamente, em família...

Mas para ligar estes ingredientes de forma perfeita, para que o suporte seja realmente forte, é preciso revestirmo-nos de amor. Revestir é um verbo com muitos significados e simbologias. São Paulo exorta-nos pois a enchermo-nos, a munirmo-nos, a ornarmos com amor. É bom estarmos cheios de amor para o podermos derramar sobre o outro; apazigua-nos a alma que a nossa arma (de defesa e ataque) seja o amor; é muito bonito estarmos “enfeitados” de amor, para ser amor o que o outro vê quando olha para nós.

O amor “*é o laço da perfeição*”. Cada um de nós (também com os nossos defeitos e limitações) e as nossas famílias (também com problemas e imperfeições) existimos e permanecemos unidos por este amor que tudo vence, tudo supera...

Mesmo nos períodos mais difíceis que a nossa família tem passado, tem sido muito importante experimentar que somos revestidos, envolvidos, pelo Amor de Deus, que a tudo unifica e dá sentido.

Contemplando a Sagrada Família, sobressai esse laço da perfeição que a une, na alegria e na dor, na esperança e na incerteza, na paz e na inquietação.

Que desafios e sonhos somos chamados a viver com a família real que temos (e não com a ideal...)?

Pedimos também a graça de crescermos juntos no amor, treinando diariamente gestos concretos, com criatividade, confiança e esperança...

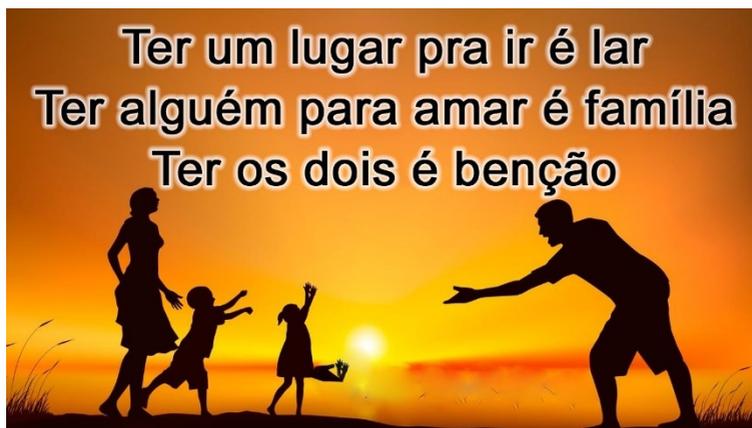
O que preciso de treinar mais ao longo do próximo ano?

"Não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Dececionamos uns aos outros. Por isso, não há casamento saudável nem família saudável sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família se torna uma arena de conflitos e um reduto de mágoas.

Sem perdão a família adocece. O perdão é a assepsia da alma, a faxina da mente e a alforria do coração. Quem não perdoa não tem paz na alma nem comunhão com Deus. A mágoa é um veneno que intoxica e mata. Guardar mágoa no coração é um gesto autodestrutivo. É autofagia. Quem não perdoa adocece física, emocional e espiritualmente.

É por isso que a família precisa ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença."

(Papa Francisco)



Não temas Maria

- Nm 6,22-27 «Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura.
- Sl 66 (67) Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele menino.
- Gl 4,4-7
- Lc 2,16-21 Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores. Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-

as no seu coração.

E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.

Quando se completaram os oito dias, para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno.»

(Lc 2, 16-21)

“**M**aria, não temas, pois achaste graça diante de Deus”. (Lc 1, 30)

Para Maria, tal como para cada um de nós, há um: “*Não temas*”. Certamente, a sua perturbação era muita. Desde que escutou o Anjo, naquele dia em que rezava, os acontecimentos deram uma reviravolta e tudo mudou.

E a incerteza nunca passou, a cada passo devia pensar “*e como será isto*”? Não parou de ter uma vida de “porquê”. As surpresas eram diárias. “Ser Mãe de Deus” parece implicar muitos privilégios, mas também parecia uma pista de obstáculos, de dificuldades, de incompreensões, de mal-entendidos, de muita novidade ante a qual não é fácil ter a certeza de como reagir. Imagino Maria a pensar “*e amanhã como será...?*”

Para Maria era muito claro aquilo que dependia dela, “o seu Sim”, queria manter-se na promessa feita a Deus, esse “*Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1, 38) também ecoava no seu interior esse “*Não temas*”. E, com o seu “*Sim*” e a confiança em Deus, avançou pelas estradas da vida.

Praticamente os textos que no Novo Testamento falam sobre Maria, colocam-nos sempre perante acontecimentos fora do comum e do normal:

- Uma rapariga nova, de um povo perdido na geografia do planeta, escolhida por Deus, para o Seu grande Projeto de Salvação (Lc 1, 26 ss);
- Incompreensão de todos, mesmo de José;
- Uma longa viagem pela frente, grávida e sem condições. (Lc 2, 1-5);

- Não ter lugar para ficar e Jesus (Lembrem-se que é “O filho de Deus”) ter de nascer numa manjedoura (Lc 2, 6-7);
- Os pastores, os reis vão adorá-Lo (Lc 2, 15-20), (Mt 2, 1 ss);
- Simeão a dizer a Maria “*Uma espada trespassará a tua alma*” (Lc 2, 35);
- A família tem de fugir para o Egito (Mt 2, 13ss);
- Jesus perdido no templo (Lc 2, 41ss);
- Jesus que não fala à mãe da melhor maneira nas bodas de Caná, nem quando lhe dizem que a sua mãe está lá fora (Jo 2, 4), (Mt 12,48);
- Maria de pé ante a cruz (Jo 19, 25);
- Maria a recolher, a acompanhar e orar com os apóstolos desanimados e cheios de temor (Act 1,12-14).

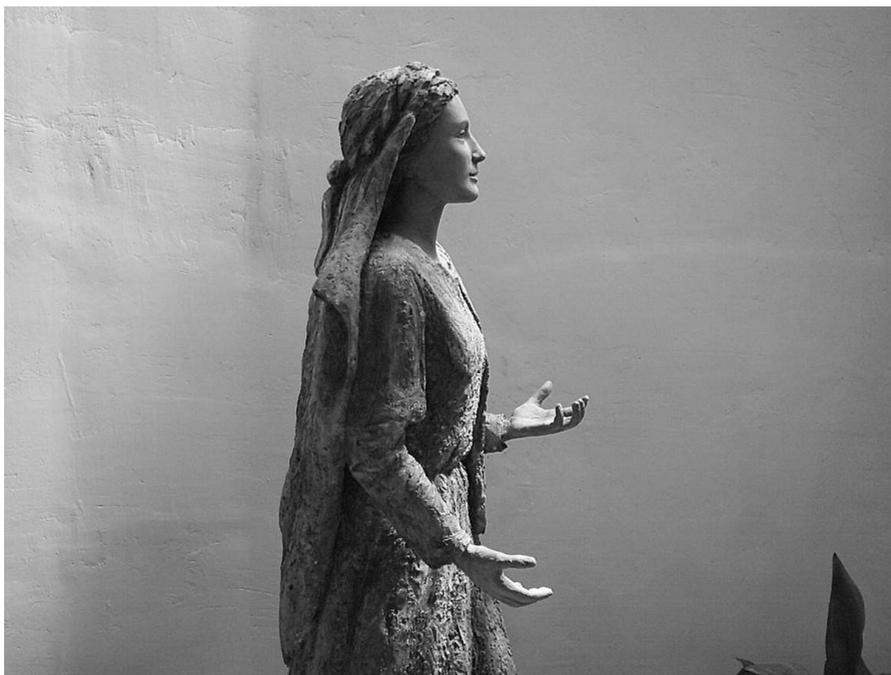
Em nenhum texto da Bíblia se diz que Maria estivesse revoltada, ou arrependida do seu sim, também não se sentia frustrada, nem desiludida, nem enganada, nem a pedir contas a Deus. A única mensagem que nos transmite é que, perante todas essas circunstâncias que não esperava e, menos ainda, imaginava, nem conseguia compreender, abria o seu coração e nele as guardava, à espera da resposta de Deus.

Para nós também há situações que colocam em causa todas as nossas vivências; e isso causa muita incerteza. Hoje estamos – toda a Humanidade – perante esta situação nova, surpreendente, difícil, inimaginável, incerta, cheia de dor para muitos, vivida de forma desconcertante, com desespero, com medo, com um futuro que se afigura incerto... Hoje é assim, mas amanhã...

Ante isto, quais são as atitudes que temos de tomar para não ficarmos abalados? Vamos deixar que Maria, que conhece bem uma vida incerta, nos fale. Vamos, como ela, abrir o nosso coração, os nossos sentimentos profundos que, de certeza, nos vão falar de esperança, de responsabilidade, de união, de acreditar que todos

juntos conseguimos, de solidariedade, de entreaajuda e justiça para com todos, e de Fé, muita Fé em Deus, que nunca nos vai deixar desamparados e que connosco vive e sofre esta situação.

Só Ele pode ser a força nesta nossa fragilidade, (2 Co 12,9)



Nos Evangelhos, Maria aparece como mulher de poucas palavras, sem grandes discursos nem protagonismos, mas com um olhar atento que sabe guardar a vida e a missão do seu Filho e, conseqüentemente, de tudo o que Ele ama. Soube guardar os alvares da primeira comunidade cristã, aprendendo deste modo a ser mãe duma multidão. Aproximou-Se das mais diversas situações, para semear esperança. Acompanhou as cruces, carregadas no silêncio do coração dos seus filhos. Muitas devoções, muitos santuários e capelas nos lugares mais remotos, muitas imagens espalhadas pelas casas lembram-nos esta grande verdade. Maria deu-nos o calor materno, que nos envolve no meio das dificuldades; o calor materno que não deixa, nada e ninguém, apagar no seio da Igreja a revolução da ternura inaugurada pelo seu Filho. Onde há uma mãe, há ternura. E Maria, com a sua maternidade, mostra-nos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes; ensina-nos que não há necessidade de maltratar os outros para sentir-se importante (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 288). E o santo povo fiel de Deus, desde sempre, A reconheceu e aclamou como a Santa Mãe de Deus.

(Parte do Resumo da Homilia do Papa Francisco
Ordem do Carmo em Portugal)

“Vimos a Sua estrela...”

- Is 60,1-6 «Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, quando chegaram a
- Sl 71 (72) Jerusalém uns Magos vindos do Oriente.
- Ef 3,2-3a.5-6 “Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l’O”.
- Mt 2,1-12 Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado, e, com ele, toda a cidade de Jerusalém.

Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.

Eles responderam: “Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo Profeta:

“Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o Pastor de Israel, meu povo”.

Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela. Depois enviou-os a Belém e disse-lhes:

“Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-l’O”.

Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino. Ao ver a estrela, sentiram grande alegria.

Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, prostrando-se diante d’Ele, adoraram-n’O.

Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

E, avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.»

(Mt 2, 1-12)



Epifania do Senhor Jesus. A festa que celebra a manifestação de Jesus como Deus feito homem. O evangelho deste dia apresenta um quadro que me interpela imenso, pela forma como é apresentada esta manifestação do Deus que encarnou e se fez homem em Jesus. Não é Deus Pai, nem Jesus, nem Maria ou José que protagonizam o anúncio deste espetacular acontecimento. Não é uma manifestação direta e explícita, bem pelo contrário. O evangelho que ilustra a Epifania do Senhor Jesus fala-nos de umas pessoas, os Magos, que se lançaram numa viagem à procura de Alguém, o Rei dos Judeus – Jesus, porque viram um sinal, uma estrela, manifestando que Ele teria acabado de nascer.

Rezando este texto da Palavra de Deus, descobria-me interpelado, mais uma vez, pela forma como Deus escolhe revelar-se e manifestar essa revelação: a simplicidade, o silêncio, a não ostentação. Eu, no meu primeiro impulso, escolheria uma forma completamente diferente: a grandeza, o barulho e a ostentação.

No texto de São Mateus, os Magos põem-se a caminho porque o brilho de uma estrela lhes chama a atenção e lhes dá uma certeza: um Rei tinha nascido. E, confiados nesse brilho, nessa estrela, aceitam fazer um caminho que os leva a um local que, decerto, não seria onde imaginavam que iriam encontrar um Rei recém nascido. Mas, ainda confiados nessa estrela, dão o salto de fé necessário para acreditarem que encontraram o que procuravam: o Rei do Judeus, que acabara de nascer.

Durante a oração uma questão emerge deste texto do evangelho: E tu? Aceitas ser hoje uma luz, mesmo que pequena, que possa ajudar a iluminar o caminho de outros na sua procura para encontrar Jesus? Aceitas ser Epifania de Jesus desta forma?

Nesta época, marcada pela presença avassaladora do Covid-19, como podemos ser Epifania do Deus feito homem por amor?

Nestes dias, em que procuramos não ser infetados, não ficarmos doentes, nem provocarmos a doença a outros, talvez vivamos no difícil equilíbrio de, ao mesmo tempo, sermos responsáveis pela nossa saúde (e a dos outros, claro) e de não cedermos ao receio desta nova doença (e não nos fecharmos na nossa concha).

Este equilíbrio só se alcança na escuta da Palavra de Deus, no silêncio e no tempo que dedicamos à nossa relação com Deus.

Se dermos espaço a que o Senhor nos fale através da Sua Palavra, vamos ser interpelados por Deus e, mesmo em tempos de pandemia, vamos encontrando a nossa forma de sermos próximos dos outros e, também assim, sermos próximos de Deus. Iremos encontrando a nossa forma de, nos dias de hoje e nas atuais circunstâncias, sermos Epifania deste Deus que se revela em Jesus.

Quando não nos descobrimos capazes de levar Jesus aos outros talvez possamos ajudar os outros, no seu caminho, de modo a que se encontrem com Jesus e, nesse encontro, o possam conhecer.

A Epifania do Senhor Jesus é um forte convite a sermos missionários e podermos ser uma luzinha no caminho que os outros fazem na sua procura da felicidade, em suma de Deus (mesmo quando não o sabem).



Aceitas, em cada dia, este convite?

A tua pedra será a tua estrela

*Todos os dias abrimos os olhos, mas não o suficiente
Vemos descontentes a imperfeição e a pedra
Olhamos com desgosto – em nós e nos outros –
o avesso e a costura
e não nos damos conta
que poder observar com amor o avesso
se torna preciosa aprendizagem de caminho
(e que esse caminho nos leva até ao presépio)
Pois aquilo, precisamente aquilo
que hoje identificares como pedra
Deus vem ensinar-te
a transformar em estrela.*

Estrela

*Que a Tua estrela nos encontre disponíveis
para a viagem
mesmo sem que percebamos tudo*

*Que o seu brilho nos torne pacientes
com as coisas não resolvidas do nosso coração
e nos ajude a amar as difíceis questões
que por vezes a noite, por vezes o dia
segredam pelo tempo fora*

*Que a Tua estrela nos faça reconhecer
que nunca é tarde
para que se tornem de novo ágeis e sonhadores
os nossos passos cansados
pois nós próprios nos tornamos em estrelas
quando arriscamos perpetuar
a Tua luz multiplicada.*

O absurdo da esperança n'Aquele que segue

Is 42,1-4.6-7 «Naquele tempo, João começou a pregar,

Sl 28 (29) dizendo: “Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu, diante do qual eu não sou digno de me inclinar para desatar as

At 10,34-38 correias das suas sandálias. Eu batizo na água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo”.

Mc 1, 7-11 Sucedeu que, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. Ao subir da água, viu os céus

rasgarem-se e o Espírito, como uma pomba, descer sobre Ele. E dos céus ouviu-se uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência”.»

(Mc 1, 7-11)

“  er fé no que virá depois...” – este poderia ser o mote destas pistas e do que tenho vivido neste tempo.

Contamos com o tempo presente e somos chamados a viver na esperança, uma esperança que nasce no que virá depois.

Há quem viva de tal modo “agarrado” ao futuro que parece que não “pousa os seus pés” em tudo aquilo com que efetivamente pode contar – com o tempo presente, a sua circunstância e as circunstâncias daqueles com quem se cruza.

A história de João Batista toca-me pela forma como vive esta realidade. Este episódio é bem ilustrativo disso – anuncia quem virá depois, quem se lhe segue, em quem acredita e lhe dá a sua própria vida: Jesus Cristo. João vive intensamente a sua vida, “mergulhado” na esperança daquele que virá depois dele, do novo tempo que se abrirá ao mundo... E esse é o seu sentido de vida!

O absurdo da esperança brota do absurdo do amor.

De facto, quem “toca” em Deus entra numa lógica absurda, de que qualquer experiência humana e a sua tentativa de colocar em palavras, fica sempre aquém...

Experimento o batismo como oportunidade para abrir-me à graça deste Amor maior, de mergulhar na grandeza de Deus, através do dom da vida que me é oferecida.

Façamos o exercício de nos colocarmos neste papel de “quem vem depois”. À imagem de Jesus que veio depois de João, também cada cristão segue Cristo e em cada uma destas vidas há um grito que se repete de forma pessoal e intransmissível, por Deus, a cada um de nós: *«Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência»*.

De facto, também nós viemos depois, seguindo Jesus, que deu a Sua vida no absurdo da esperança, da Sua esperança, da esperança de João, da esperança de tantos que O antecederam e precederam. De alguma forma, a esperança de Jesus é a esperança de toda a humanidade.

Abrir o caminho da mudança, viver a sua vida na esperança, implica sobretudo uma grande dose de liberdade, uma liberdade alcançada por uma humildade profunda de quem se coloca de tal modo nos braços de Deus que “tudo se passa entre si e o Pai”, tal como nos recorda Madre Teresa de Calcutá, na sua oração.

Procuremos esta liberdade de ação, de gesto, de atitude, de pensamento, de espírito... De facto, há pessoas que viveram verdadeiros cativos e conseguiram ser, nos seus poucos metros quadrados de cela, mais livres do que outros que viajaram e conheceram o mundo inteiro!

Procuremos o “chão” que o Amor de Deus nos pode dar, procuremos este amor que habita dentro de cada ser humano! Ousemos viver este absurdo que, porventura, uns chamam ilusão outros sonho... mas que todos não deixemos de o procurar e desejar - este “ir mais além” na sua vida e na vida daqueles com quem se cruzam.

Efetivamente, os “saltos grandiosos” dados pela humanidade ao longo da sua história dão-se fruto neste anseio pelo “absurdo”, pelo que ainda não se via mas alguém sonhou, ousou acreditar e foi capaz de viver, mesmo entregando a sua vida por essa causa!

(...) A sua grandeza emerge de ter tão radicalmente abraçado o paradoxo da esperança. Abraão é aquele que acreditou apesar do absurdo. O ato de Abraão de «esperar contra toda a esperança» acontece sem rede, e ele sabe disso: sabe que não pode ser compreendido, sabe que sacrificando o teu filho/herdeiro ele estará a sacrificar aquilo que mais ama, sabe que humanamente perderá inclusive todos os motivos para esperar. Mas ele crê apesar do absurdo, através e contra o absurdo, e espera que no absurdo da esperança (cuja forma é demência, como Kierkegaard recorda) ele será acompanhado por Deus. No cimo da montanha «Deus providenciará» (Gn 22, 8). Esse é paroxismo ardente da esperança («a fé espanta mais», como Péguy dizia): ela não é um imaculado estado de isenção, um abrigo que nos poupa à turbulência de existir (também nesse sentido, como Paulo dirá mais tarde, «Deus não poupou o seu próprio Filho» - Rm 8, 32). A esperança é sim as dores de parto da nossa alma e da alma do mundo.

(José Tolentino Mendonça
in “Esperar contra a toda a Esperança”)



parte III

Introdução

O Caderno de Oração deste Advento chega-nos cerca de um ano depois de termos ouvido falar pela primeira vez em Covid19. No Advento do ano passado, as esperanças de cada um eram outras!... Estavam longe, muito longe do nosso pensamento todos estes aspetos que enchem agora o nosso quotidiano: distanciamento, confinamento, isolamento, recolher obrigatório, regras rigorosas de saúde pública, crise económica, desemprego, pobreza crescente, hospitais a “abarrota”, profissionais de saúde esgotados, números de infetados de vários milhares diários, centenas de doentes internados em Cuidados Intensivos, muitos mortos...

Ao longo do ano que passou, quase todos estivemos algum período fechados em casa, muitos passámos ao teletrabalho, conhecemos o ensino à distância, celebrámos a fé através de ecrãs, descobrimos novas formas de “estar” com a família ou os amigos, inventámos modos de expressar os afetos, de nos fazermos próximos, de sorrir, até (por trás da máscara).

Como entraremos no novo ano? Este Natal, como será? E o Advento, como o viveremos?

Há coisas que não dependem de nós, como poder estar com os que amamos ou festejar este período como gostaríamos. Mas, outras, sim, dependem de nós: preparar o coração para acolher Jesus, neste tempo que nos é dado para “treinar” isso mesmo. Jesus não vem ao nosso encontro no Natal de 2020: vem todos os dias. O tempo de O escutar e de abrir caminho para Ele é novembro, dezembro, janeiro, é cada mês, cada circunstância, cada momento. Jesus vem! E eu sou chamado a ser aquele que O espera e que prepara os trilhos e as veredas dos lugares onde estou, para que Ele venha trazer vida a esses ambientes e a essas pessoas.

E Ele vem e diz “*Não temas!*”.

No auge (se o for) desta pandemia que atinge o mundo de forma tão marcante e tão dolorosa, “*Não temas!*” são as palavras que

esperamos. Deus ama-nos como ninguém e sabe melhor do que ninguém aquilo de que precisamos. Se Ele nos diz “*Não temas!*”, sabe o que diz!

Escutar a voz de Deus é também escutar a voz da Igreja. Por isso, selecionámos para este Caderno três textos do Papa Francisco:

- o início da encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social;
- excertos da Mensagem para o Dia Mundial das Missões;
- excertos da Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres.

Que estes escritos nos ajudem a viver melhor este Advento, o Natal e o ano que vai entrar.



PAPA FRANCISCO
ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*
SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL

INTRODUÇÃO

1. «FRATELLI TUTTI»: [1] escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si». [2] Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.

2. Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica *'Laudato si'*, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos.

Sem fronteiras

3. Na sua vida, há um episódio que nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião: é a sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito. A mesma exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos,

São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes «entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais litígios nem contendias, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus». [3]

No contexto de então, era um pedido extraordinário! É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma “submissão” humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé.

4. Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus; compreendera que “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus” (1 Jo 4, 16).

Assim foi pai fecundo que suscitou o sonho duma sociedade fraterna, pois “só o homem que aceita aproximar-se das outras pessoas com o seu próprio movimento, não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem mais elas mesmas, é que se torna realmente pai”. [4]

Naquele mundo cheio de torreões de vigia e muralhas defensivas, as cidades viviam guerras sangrentas entre famílias poderosas, ao mesmo tempo que cresciam as áreas miseráveis das periferias excluídas.

Lá, Francisco recebeu no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-se de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos. Foi ele que motivou estas páginas.

5. As questões relacionadas com a fraternidade e a amizade social sempre estiveram entre as minhas preocupações. A elas me referi repetidamente nos últimos anos e em vários lugares. Nesta encíclica, quis reunir muitas dessas intervenções, situando-as num contexto mais amplo de reflexão. Além disso, se na redação da *Laudato si'* tive uma fonte de inspiração no meu irmão Bartolomeu, o Patriarca ortodoxo que propunha com grande vigor o cuidado da

criação, agora senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus «criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos».[5] Não se tratou de mero ato diplomático, mas duma reflexão feita em diálogo e dum compromisso conjunto. Esta encíclica reúne e desenvolve grandes temas expostos naquele documento que assinamos juntos. E aqui, na minha linguagem própria, acolhi também numerosas cartas e documentos com reflexões que recebi de tantas pessoas e grupos de todo o mundo.

6. As páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos. Entrego esta encíclica social como humilde



contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade.

7. Além disso, quando estava a redigir esta carta, irrompeu de forma inesperada a pandemia do Covid-19 que deixou a descoberto as nossas falsas seguranças. Por cima das várias respostas que deram os diferentes países, ficou evidente a incapacidade de agir em conjunto. Apesar de estarmos super-conectados, verificou-se uma fragmentação que tornou mais difícil resolver os problemas que nos afetam a todos.

Se alguém pensa que se tratava apenas de fazer funcionar melhor o que já fazíamos, ou que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está a negar a realidade.

8. Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade.

Entre todos: «Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos».[6] Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.

Assis, junto do túmulo de São Francisco, na véspera da memória litúrgica do referido Santo, 3 de outubro do ano 2020

[1] Tradução da expressão italiana: “Todos irmãos”; *Admoestações*, 6, 1: *Fonti francescane*, 155.

[2] *Ibid.*, 25: o. c., 175.

[3] São Francisco de Assis, *Regra não bulada dos Frades Menores*, 16, 3.6

[4] Eloi Leclerc ofm, *Exilio y ternura* (Madrid 1987), 205.

[5] Francisco -Ahmad Al-Tayyeb, *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*

[6] Francisco, *Discurso no encontro ecuménico e inter-religioso com os jovens* (Skopje, Macedónia do Norte 7 de maio de 2019)

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO IV DIA MUNDIAL DAS MISSÕES 18 de outubro de 2020

«Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8)

Queridos irmãos e irmãs!

Desejo manifestar a minha gratidão a Deus pelo empenho com que, em outubro passado, foi vivido o Mês Missionário Extraordinário em toda a Igreja. Estou convencido de que isso contribuiu para estimular a conversão missionária em muitas comunidades pela senda indicada no tema «Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo».

Neste ano, marcado pelas tribulações e desafios causados pela pandemia do Covid19, o caminho missionário de toda a Igreja continua à luz da palavra que encontramos na narração da vocação do profeta Isaías:

«Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8). É a resposta, sempre nova, à pergunta do Senhor: «Quem enviarei?» (*Ibid.*). Esta chamada provém do coração de Deus, da sua misericórdia, que interpela quer a Igreja quer a humanidade na crise mundial atual.

(...)

Estamos verdadeiramente assustados, desorientados e temerosos. O sofrimento e a morte fazem-nos experimentar a nossa fragilidade humana; mas, ao mesmo tempo, todos nos reconhecemos participantes dum forte desejo de vida e de libertação do mal. Neste contexto, a chamada à missão, o convite a sair de si mesmo por amor de Deus e do próximo aparece como oportunidade de partilha, serviço, intercessão.

A missão que Deus confia a cada um faz passar do «eu» medroso e fechado ao «eu» resolutivo e renovado pelo dom de si.

(...)

62 «A missão, a “Igreja em saída” não é um programa, um intuito

concretizável por um esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de anunciar o Evangelho, moves-te porque o Espírito te impele e conduz (Francisco, *Sem Ele nada podemos fazer*, 2019, 16-17). Deus é sempre o primeiro a amar-nos e, com este amor, vem ao nosso encontro e chama-nos. A nossa vocação pessoal provém do facto de sermos filhos e filhas de Deus na Igreja, sua família, irmãos e irmãs naquela caridade que Jesus nos testemunhou.

(...)

A missão é resposta, livre e consciente, à chamada de Deus. Mas esta chamada só a podemos sentir, quando vivemos numa relação pessoal de amor com Jesus vivo na sua Igreja. Perguntemo-nos: estamos prontos a acolher a presença do Espírito Santo na nossa vida, a ouvir a chamada à missão quer no caminho do matrimónio, quer no da virgindade consagrada ou do sacerdócio ordenado e, em todo o caso, na vida comum de todos os dias? Estamos dispostos a ser enviados para qualquer lugar a fim de testemunhar a nossa fé em Deus Pai misericordioso, proclamar o Evangelho da salvação de Jesus Cristo, partilhar a vida divina do Espírito Santo edificando a Igreja? Como Maria, a Mãe de Jesus, estamos prontos a permanecer sem reservas ao serviço da vontade de Deus (cf. Lc 1, 38)? Esta disponibilidade interior é muito importante para se conseguir responder a Deus: Eis-me aqui, Senhor, envia-me (cf. Is 6, 8). E isto respondido não em abstrato, mas no hoje da Igreja e da história.

A compreensão daquilo que Deus nos está a dizer nestes tempos de pandemia torna-se um desafio também para a missão da Igreja. Desafia-nos a doença, a tribulação, o medo, o isolamento. Interpela-nos a pobreza de quem morre sozinho, de quem está abandonado a si mesmo, de quem perde o emprego e o salário, de quem não tem abrigo e comida. Obrigados à distância física e a permanecer em casa, somos convidados a redescobrir que precisamos das relações sociais e também da relação comunitária com Deus. Longe de aumentar a desconfiança e a indiferença, esta

condição deveria tornar-nos mais atentos à nossa maneira de nos relacionarmos com os outros.

E a oração, na qual Deus toca e move o nosso coração, abre-nos às carências de amor, dignidade e liberdade dos nossos irmãos, bem como ao cuidado por toda a criação. A impossibilidade de nos reunirmos como Igreja para celebrar a Eucaristia fez-nos partilhar a condição de muitas comunidades cristãs que não podem celebrar a Missa todos os domingos. Neste contexto, é-nos dirigida novamente a pergunta de Deus – «quem enviarei?» – e aguarda, de nós, uma resposta generosa e convicta: «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8). Deus continua a procurar pessoas para enviar ao mundo e às nações, a fim de testemunhar o seu amor, a sua salvação do pecado e da morte, a sua libertação do mal (cf. Mt 9, 35-38; Lc 10, 1-11).

Celebrar o Dia Mundial das Missões significa também reiterar que a oração, a reflexão e a ajuda material das vossas ofertas são oportunidades para participar ativamente na missão de Jesus na sua Igreja. A caridade manifestada nas coletas das celebrações litúrgicas do terceiro domingo de outubro tem por objetivo sustentar o trabalho missionário, realizado em meu nome pelas Obras Missionárias Pontifícias, que acodem às necessidades espirituais e materiais dos povos e das Igrejas de todo o mundo para a salvação de todos.



A Santíssima Virgem Maria, Estrela da Evangelização e Consoladora dos Aflitos, discípula missionária do Seu Filho Jesus, continue a amparar-nos e a interceder por nós.

Roma, Solenidade de Pentecostes, 31 de maio de 2020

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
IV DIA MUNDIAL DOS POBRES
XXXIII Domingo do Tempo Comum
(15 de novembro de 2020)**

«Estende a tua mão ao pobre» (Sir 7, 32)

«Estende a tua mão ao pobre» (Sir 7, 32): a sabedoria antiga dispôs estas palavras como um código sacro que se deve seguir na vida. Hoje ressoam com toda a densidade do seu significado para nos ajudar, também a nós, a concentrar o olhar no essencial e superar as barreiras da indiferença. A pobreza assume sempre rostos diferentes, que exigem atenção a cada condição particular: em cada uma destas, podemos encontrar o Senhor Jesus, que revelou estar presente nos seus irmãos mais frágeis (cf. Mt 25, 40).

(...)

Demonstra-o claramente o texto donde se tirou o título desta Mensagem (cf. 7, 29-36). São inseparáveis a oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos. Para celebrar um culto agradável ao Senhor, é preciso reconhecer que toda a pessoa, mesmo a mais indigente e desprezada, traz gravada em si mesma a imagem de Deus. De tal consciência deriva o dom da bênção divina, atraída pela generosidade praticada para com os pobres. Por isso, o tempo que se deve dedicar à oração não pode tornar-se jamais um alibi para descuidar o próximo em dificuldade. É verdade o contrário: a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo, quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres.

(...)

Manter o olhar voltado para o pobre é difícil, mas tão necessário para imprimir a justa direção à nossa vida pessoal e social. Não se trata de gastar muitas palavras, mas antes de comprometer concretamente a vida, impelidos pela caridade divina. Todos os

anos, com o Dia Mundial dos Pobres, volto a esta realidade fundamental para a vida da Igreja, porque os pobres estão e sempre estarão connosco (cf. Jo 12, 8) para nos ajudar a acolher a companhia de Cristo na existência do dia a dia.

(...)

O encontro com uma pessoa em condições de pobreza não cessa de nos provocar e questionar. Como podemos contribuir para eliminar ou pelo menos aliviar a sua marginalização e o seu sofrimento? Como podemos ajudá-la na sua pobreza espiritual? A comunidade cristã é chamada a coenvolver-se nesta experiência de partilha, ciente de que não é lícito delegá-la a outros. E, para servir de apoio aos pobres, é fundamental viver pessoalmente a pobreza evangélica. Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra. O clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles face a tanta hipocrisia e tantas promessas não cumpridas, e para os convidar a participar na vida da comunidade.

(...)

Estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor. Nestes meses, em que o mundo inteiro foi dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desconforto e perplexidade, pudemos ver tantas mãos estendidas! A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo. A mão estendida da enfermeira e do enfermeiro que permanece, muito para além dos seus horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contacto com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração

partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança. E poderíamos enumerar ainda outras mãos estendidas, até compor uma ladainha de obras de bem. Todas estas mãos desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação.

(...)

Neste cenário, «os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe» (Francisco, Exort. ap Evangelii gaudium, 54). Não poderemos ser felizes enquanto estas mãos que semeiam morte não forem transformadas em instrumentos de justiça e paz para o mundo inteiro.

(...)

O objetivo de cada ação nossa só pode ser o amor: tal é o objetivo para onde caminhamos, e nada deve distrair-nos dele. Este amor é partilha, dedicação e serviço, mas começa pela descoberta de que primeiro fomos nós amados e despertados para o amor. Esta finalidade aparece no momento em que a criança se cruza com o sorriso da mãe, sentindo-se amada pelo próprio facto de existir. De igual modo um sorriso que partilhamos com o pobre é fonte de amor e permite viver na alegria. Possa então a mão estendida enriquecer-se sempre com o sorriso de quem não faz pesar a sua presença nem a ajuda que presta, mas alegra-se apenas em viver o estilo dos discípulos de Cristo.

Neste caminho de encontro diário com os pobres, acompanha-nos

a Mãe de Deus que é, mais do que qualquer outra, a Mãe dos pobres. A Virgem Maria conhece de perto as dificuldades e os sofrimentos de quantos estão marginalizados, porque Ela mesma Se viu a dar à luz o Filho de Deus num estábulo. Devido à ameaça de Herodes, fugiu, juntamente com José, seu esposo, e o Menino Jesus, para outro país e, durante alguns anos, a Sagrada Família conheceu a condição de refugiados. Possa a oração à Mãe dos pobres acomunar estes seus filhos prediletos e quantos os servem em nome de Cristo. E a oração transforme a mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade.

Roma, memória litúrgica de Santo António, 13 de junho de 2020.



Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa: lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

